

CARTA PARA O DR. ABEL VARZIM

Meu caro Abel:

No momento de mágoa e de tristeza em que te escrevo é-me conforto esta carta.

Vai nela, na saudade que a inspira; o testemunho da nossa amizade e estima.

A notícia da tua partida surpreendeu-me dolorosamente e avivou-me tanto a lembrança a tua presença que me recusei a acreditar... Mas já lá vão 30 longos dias que me curvo perante o silêncio da realidade.

Devia resposta à tua última carta; nela me comunicavas, por te ter visitado de balde, em Cristelo, «que tiveste pena de não estares para conversarmos um bocadinho, revivermos um pouco os belos tempos passados e nos recordarmos que ainda somos amigos.»

Aqui estou a dizer-te que, apesar da tua abatida e de teres atravessado esse rio que nos separa fisicamente, por enquanto, «irremediavelmente unda», como dizia Horácio, a tua ausência tor-na-te tão vivo no meu pensamento, que te escrevo como se tivesse descido a Rua de Namur para cavaquear contigo na Rua Kraeken, quando outrora escolares de Lovaina.

Uma das maiores graças que Deus nos pode fazer é dar-nos uma boa amizade. E a nossa, nascida na camaradagem do convívio escolar, ficou fiel, por que pura e desinteressada, não olhando ao que dá em troca do que pode receber.

Só uma amizade assim pode ter o privilégio de unir e sintonizar sentimentos de pessoas que podem ser dispares pelo carácter e pelo temperamento.

Em muitas coisas estivemos em desacordo, mas, a amizade permaneceu inalterável.

Lembras-te, Abel, de quando, numa tarde, em Heverlé, debati-

ro do caramanchão que nos servia de gabinete de estudo e era «estúdio» de manifestações de arte (canto, poesia e pintura), se levantou subitamente uma trovada de fortes rajadas de vento e grossas batéguas de água?

Enrolámo-nos no mesmo toldo e assim ficámos por terra até que a tormenta passasse!

Um episódio da nossa vida de estudantes mas que lembro agora como um símbolo.

Viejo a vida. Surgiram tormentas diferentes e sempre, nós encontramos unidos pela amizade.

Ouço, num desabafo amigo, o teu queixume num momento de cruel prova: omnes derelinquerunt me! Mas, como Leonardo De Vinci que escreveu nas suas

numa estrela não muda; tu também, apesar da incompreensão de muitos e do abandono de alguns, ficaste fiel ao teu ideal e à tua causa.

Meu caro Abel: por fitares demasiado as estrelas, foste um ingénuo D. Quisde a batêres-te por causas que os profanos do teu ideal não compreenderam e, no entanto, passaste a vida a dilatar o teu coração para nele entrar mais amor de Deus e dos homens.

Enfim: lembranças tristes e sagradas que vivias no soliloquio da tua vida interior. Sunt lacrymae rerum!

A tua vida foi uma atitude e um nobre exemplo de amor à Cristo e à Igreja. A labareda de entusiasmo do teu ideal muito ficaram a dever os movimentos da Acção Católica em Portugal.

Homem de coração em quem os impulsos da caridade não eram entravados pelo baixo egoísmo ou gloriolas terrenas, sacrificaste a vida num sacrifício que o falso juízo dos homens habilidosamente prudentes reputa inglório... mas, por que te esqueceste da página bíblica do sacrifício de Abel?... Valeu o sacrifício? A tua alma não era pequena.

«Se o teu coração está limpo, limpos serão os teus olhos» e assim passaste na vida considerando os homens num «angelismo» que vários dissabores te deu. Nesta simplicidade eras um «nái» para tantos que te exploravam a bondade, mas vivias tão alto que a mediocridade não chegou a compreender-te!

Tenho diante de mim a tua última carta que releio de olhos humedecidos: «eu já estive à morte por duas vezes... Fel-

mente (ou não?) cá vou resistindo... Enfim! a vida é isto.»

Pensava estas férias bater-te à porta mas, infelizmente, aí de mim não resististe e não se realizou o mútuo desejo: «Deus permita, dizias tu, que nos possamos ainda encontrar para nos abraçarmos.»

Doente fisicamente e pior moralmente desiludido dos homens, procuraste refúgio na aldeia natal para viveres na solidão, porque viste demastado a iniquidade e a contradição na sociedade dos homens (Ps. LIV, 7).

Acredito que, nessa solidão, possas ter sentido o que escreveu E. Psichari: «o deserto é uma terra bendita... Mas nunca me resignei com a ideia de verte com a pujança do teu espírito e a riqueza do teu coração, e o entusiasmo pela acção, enterrando os tesouros abundantes que Deus te concedera, embora me digas, em desalento, na tua última carta: «passo a maior parte do tempo aqui nesta al-

minha separação do «grande mundo». Nesse, onde reina o Maligno, mesmo entre os de Cristo.»

Meu caro Abel: lançaste generosamente o coração ao mundo, ignorando, como disse alguém, que o mundo é um cão «mal dressé» que não traz o que se lhe atrai.

A árvore da amizade que todos nós plantamos, a morte mal deixa colher-lhe os frutos: um amigo que parte é um ramo que se parte, mas no ramo partido floresce a saudade e o coração, anfora cheia de sentimentos de que compartilharam os amigos, assim ferido pela morte do amigo, não tem outra linguagem que não seja também a da saudade, lembrando em voz de sangue; avulsa suht viscera mea, como escreveu S. Bernardo, aqueles que partiram primeiro, mas na esperança cristã de que nos encontraremos em Deus «et sic semper cum Deo erimus.» Até lá recordarei tantos momentos que passámos juntos, saboreando-lhes o travor da saudade.

Guardo da visita que te fiz em Cristelo a última lição da tua vida: a simplicidade monacal do teu quarto e a visão do isolamento a que te retiraste humildemente e não por vaidade afectada como Alfredo de Vigny: «oh profanus vulgus et arceol, Mal com os homens por amor de Deus...»

Ao recordar-te hoje nesta carta, resposta que devia a tua última, é a minha homenagem amiga e terna tãnjida no alaúde da saudade, homenagem que deponho religiosamente na tua campa onde bastará este simples epitáfio: «Aqui repousa Abel Varzim — Padre, amou a Igreja e os homens.»

Que a sombra dos pinhais e ao beijar da brisa dos ares da tua aldeia natal, o teu corpo descanse em Deus, porque a tua alma de bom, assim o creio, já goza dos resplendores da luz eterna, recebendo da justiça divina o que os homens na terra te recusaram.

Vivas in Deo! Até à vista, Abel!

Do amigo fiel e companheiro

JOAO MARIA DOMINGOS.

Lisboa, no 30.º dia da sua morte. Setembro de 1964.

008